

MBARTE

Newsletter da MBlois Galeria de Arte

Nesta Edição

Parque da Catacumba: O encontro da natureza com a arte

Melinda Garcia
A escultora de grandes obras

A ARTE ATRAVÉS DO TEMPO

Pós-Impressionismo

Pintura em degradê

EXPOSIÇÕES IMPERDÍVEIS

ARTE É NOTICIA

MBlois Galeria de Arte

t. 21 9 9138-3522

f. 21 3439-5009

e. exposicoesmbgaleria@gmail.com

e. Rua Visconde de Pirajá, Galeria III - Loja E -

Ipanema - Rio de Janeiro, RJ

<http://www.mbloisgaleriadearte.com.br/>

Edição: Maria Eduarda Aceti (estagiária)

Conteúdo: Marlene Blois e Maria Eduarda Aceti
(estagiária)

Revisão: Marlene Blois

Parque da Catacumba: O encontro da natureza com a Arte



Entrada do Parque (fot. de Paulo Catterlan)

O Parque da Catacumba, no bairro da Lagoa no Rio, é conhecido há muito tempo por seus atrativos naturais e pela vista deslumbrante da Lagoa Rodrigo de Freitas. O espaço ganha novo *status* ao receber um acervo de esculturas de importantes artistas modernos e contemporâneos. Lá estão obras de: Bruno Giorgi, Franz Weissmann, Mário Cravo, Humberto Cozzo, Francisco Stockinger, Sérgio Camargo, Carybé, Melinda Garcia, Alexander Calder entre outros.

Com projeto arquitetônico de Carlos Porto e Leila Beatriz Silveira, premiado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), o parque abriga o Pavilhão Victor Brecheret que homenageia um dos grandes artistas da Semana de Arte Moderna de 1922.

A visita oferece um ganho cultural à medida que cada obra se apresenta no caminho do visitante no Parque da Catacumba.

1. Quem é Melinda Garcia?

Sou uma escultora carioca, A arte sempre fez parte da minha vida desde criança. Todas as professoras já falavam para meus pais que tinham uma artista em casa. Aos sete anos, frequentei a escolinha da UFRJ na Praia Vermelha, que marcou muito minha vida. Foi a primeira vez que mexi com barro e fiquei fascinada, mas não dei continuidade por ser muito longe da minha casa. Depois fui para o Parque Laje, peguei as formas de trabalhar com escultura, abri meu ateliê e comecei a trabalhar. Sempre fui uma pessoa muito independente, criei minha história, meu caminho, vendi, contactei, produzi.

Já tive uma fundição com dez empregados por cinco anos para produzir minha obra, onde tenho hoje meu ateliê, no Anil.

2. Como a escultura chegou a ser seu foco na arte?

Foi no meu primeiro contato com o barro, quando fiz um cinzeiro para o meu pai e pintei com as cores do arco-íris. Foi uma transformação na minha alma porque eu tinha uma impressão muito dolorosa, pensava que meu pai por fumar muito, ia morrer cedo. Aquele cinzeiro, foi como se eu tivesse descartado essa angústia.

Eu sempre senti, quando desenhava, que entrava num outro universo que não é esse prático do dia a dia. Era o universo da minha alma, de todas as possibilidades do amor. Eu sou apaixonada por escultura e me dediquei a ela. Quando me reencontrei no Parque Lage, ao botar o pé na sala de escultura, foi imediato o amor que abracei pela escultura para o resto da minha vida.



Escultura de Melinda Garcia (reprodução: Autora)

3. Você tem se dedicado a criar obras de grande tamanho, como é seu processo de criação?

Comecei a fazer grandes obras para prédios, que me fascinou muito. O prédio vizinho ao meu no Leblon quando estava sendo construído, o engenheiro visitou nosso apartamento e viu minhas esculturas. Eu devia ter uns 17 anos. Ele viu minhas obras, ficou encantado e me convidou para comparecer à Gomes de Almeida porque a construtora gostava muito de esculturas. Fui a primeira vez com meu pai, muito tímida, não abri a boca. Depois, me casei, me mudei para Vitória, e quando voltei me dediquei realmente à escultura. E a primeira coisa que fiz, foi preparar umas obras e levar para a Gomes de Almeida. Depois vendi obras para outra empresa colocar em prédios.

Eu fiquei muito apaixonada, porque eu sou muito ciumenta das minhas obras, infelizmente, isso não é bom. Tenho obras que posso rever a hora que eu quiser. E isso não tem preço. Antigamente as construtoras compravam, a gente tinha possibilidade de contato direto com os diretores das empresas. Eu passei a contatar e vender, tenho mais de 50 obras em prédios. Penso que sou pouco conhecida no mercado, porque o meu mercado fui eu quem fiz.

Sempre fui uma pessoa muito empreendedora, não fico esperando ninguém fazer nada por mim. Eu mesma arregajo as mangas. Aprendi a vender minha obra, o mundo mudou, os arquitetos intermediam. Parei um pouco a minha produção, estou a frente da Galeria Melinda Garcia, em Copacabana. E a minha intenção é me dirigir para outra forma de trabalhar com arte, mas sempre com escultura, é claro.

4. Suas esculturas tem sido expostas fora do Brasil. Como você (como artista brasileira) vê a importância de sua visibilidade internacional?

A importância desse contato com o exterior é eu me surpreender com a reação dos estrangeiros, quando eu mostro meu book de obras realizadas, eles não entendem como não sou conhecida fora do país. No Brasil a gente tem uma dificuldade muito grande de dar valor à Arte. Pelo fato de eu ter recebido um prêmio na Bienal de Florença de 2017, pelas minhas esculturas de 1,90m em Carrara, pesando uma tonelada cada uma, me convidaram para outras exposições lá. Fui muito feliz e pretendo voltar para a Europa e continuar esse intercâmbio da Arte brasileira lá fora.

A minha obra eu divido em quatro fases. A última delas foi a revelação da Arte Orgânica, que eu lancei o movimento no mundo, em 1986, quando participei do primeiro Congresso Holístico Internacional, em Brasília, expondo minhas obras orgânicas.

A ARTE ATRAVÉS DO TEMPO

PÓS-IMPRESSIONISMO – Mais do que pensavam ou viam seus criadores

O termo pós-impressionismo foi criado pelo crítico de arte Roger Fry, para identificar uma exposição em 1910, com o título “*Manet e os pós-impressionistas*”.

Os artistas deste movimento continuavam a usar cores fortes, sem contudo retratar o mundo diretamente, como o fizeram os impressionistas. Para expressar espiritualidade ou a atmosfera que envolvia a cena, valiam-se de simbolismos e cores, efeitos ópticos, dando grande importância às formas e cores. O mundo visível era representado, não apenas de forma fotográfica e realista, valendo-se, também, de representações estilizadas. Usaram, ainda, abstrações, temas alegres, com a vida sendo retratada de pontos de vista pouco comuns. A maioria trabalhava de forma independente, explorando cores alegres, sem trazer para seus trabalhos, diretamente o mundo, como os impressionistas.



Moulin de la Galette(1889) - Toulouse-Lautrec (reprodução: internet)



Três taitianos (1889) - Paul Gauguin (reprodução: internet)

PINTURA EM DEGRADÊ

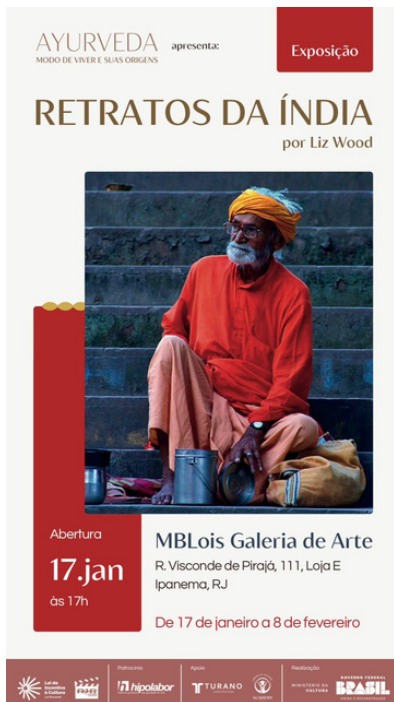


Deep Sky - Mariana Maia (reprodução: internet)

Técnica utilizada para compor o fundo de um trabalho, gerando um efeito agradável sem invadir a própria proposta temática que se quer transmitir. Caso a área a ser coberta for grande, é preciso preparar a quantidade certa de cada tom, porque é bastante difícil reproduzir os mesmos tons posteriormente. Para se conseguir o efeito desejado, é preciso começar a dividir o espaço da tela em, pelo menos, de 5 a 7 partes e preparar as tonalidades, partindo da mais clara para a mais escura, com uma divisão igualitária ou aproximada dos espaços. A preparação das diferentes porções de tinta exigirá partir da cor base, da qual as demais serão variações, geralmente com a adição da cor branca, com acréscimos sucessivos. Já as outras receberão mais pigmento.

O efeito degradê em geral começa da parte inferior do trabalho ou da esquerda para a direita, sendo aplicados os demais elementos da composição. Esta técnica pode ser usada com tinta a óleo, pastel, aquarela ou acrílica, sendo que esta, por ter secagem rápida, necessita de grande habilidade do artista.

Exposições imperdíveis!



- **Década dos Oceanos**

Até 26 de fevereiro

De quarta a segunda, de 9h às 20h

Segundo andar do CCBB - R. Primeiro de Março, 66 - Centro - Rio de Janeiro - RJ.

Entrada franca.

- **Mancha de Dendê não sai - Moraes Moreira**

Até 12 de fevereiro

De terça à domingo, das 9h às 17h. Última entrada às 16h.

Museu Histórico da Cidade- Est. Santa Marinha, s/nº - Gávea, Rio de Janeiro - RJ

Entrada franca

- **Retratos da Índia - Liz Wood**

Fotografias que ilustram o livro: *Ayurveda* de Renata de Abreu

De 17 de janeiro até 08 de fevereiro

De segunda a sexta, das 14h às 18h

Sábados 27/01 e 03/02 das 10h às 13h

Mblois Galeria de Arte - Rua Visconde de Pirajá, Galeria 111 - Loja E - Ipanema

Entrada franca

ARTE É NOTÍCIA

VAN GOGH E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O Museu D'Orsay, em Paris inova com uma instalação “*Bonjour Vincent*”, que permite que o visitante “converse” com Van Gogh sobre detalhes de sua vida, usando a inteligência artificial. Foi criada por engenheiros após a análise de 900 cartas escritas pelo pintor, no século XIX, e biografias dele. O evento possibilita que Van Gogh, em uma tela digital, responda perguntas sobre sua vida e morte. A curiosidade do público passa também por sua morte com um tiro no campo de trigo.



A iniciativa propõe dar relevância ao museu, que conta com uma coleção de grandes artistas do século XIX.

Atualmente o museu apresenta a exposição “*Van Gogh en Auvers-suroise: os meses finais*”, aberta até 4 de fevereiro, destacando os últimos meses de vida do artista.

A empresa que criou o sistema (AI) segue trabalhando com historiadores, visando maior precisão sobre Van Gogh.

Colaboraram neste número

Revisão gráfica: Alessandra Fontes Moura